

HOMOAFETIVIDADE E RELIGIÃO: O DIREITO À DIVERSIDADE CULTURAL*Viviane Bernadeth Gandra Brandão¹**Miguel Gonçalves Nogueira²**Fabilce Jaqueira Almeida³***RESUMO**

O artigo aborda a problemática atual acerca de um tema pouco discutido no meio acadêmico. Diante da realidade da relação dos homoafetivos com as religiões, busca-se, por meio desta pesquisa, analisar a relação entre homoafetividade e religião no contexto da diversidade cultural através da percepção dos homoafetivos. Este estudo objetiva buscar resposta à pergunta: Homoafetividade e religião: é possível conciliar? Demonstrar os principais conflitos vivenciados pelos homoafetivos e as aberturas que estão surgindo dentro de algumas igrejas. A pesquisa justifica-se por ampliar o debate dessa temática social, procurando entender as causas dos conflitos vividos pelos homoafetivos entre sua orientação sexual e religião, com vistas a acrescentar dados e informações aos homoafetivos, pesquisadores e professores interessados ao tema. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa de campo, no mês de setembro de 2016, em uma faculdade particular na cidade de Montes Claros – Minas Gerais; contou com 08 participantes, acadêmicos homoafetivos de quatro cursos superiores. Com a realização deste estudo, pôde-se perceber que há dificuldade de conciliação entre homoafetividade e religião, principalmente pelo preconceito e discriminação existentes dentro das igrejas que os entrevistados já frequentaram.

Palavras chave: Homoafetividade; Religião; Diversidade cultural.

HOMOAFETIVITY AND RELIGION: THE RIGHT TO CULTURAL DIVERSITY**ABSTRACT**

The article addresses the current problematic, about a topic not very discussed in the academic environment. In view of the reality of the relationship between homoafetives and religions, this research seeks to analyze the relationship between homoafetivity and religion in the context of cultural diversity through the perception of homoafetives. This study aims to answer the question: Homoafetividade and religion: is it possible to reconcile? Demonstrate the main conflicts experienced by homosexuals and the openings that are emerging within some Churches. The research is justified by expanding the debate on this social theme, trying to understand the causes of homosexual conflicts between their sexual orientation and religion, with a view to adding data and information to homoafetives, researchers and teachers interested in the subject. In order to reach the proposed objective, a field research was carried out, in September 2016, in a private college in the city of Montes Claros - Minas Gerais; Counted on 08 participants, academic homoafetivos of four courses superiors. With the accomplishment of this study, it is possible to perceive that there is difficulty in conciliation between homoafetividade and religion, mainly by the prejudice and discrimination existing within the churches that the interviewees already attended

¹ Professora do Curso de Serviço Social das Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE e da Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes com Graduação em Serviço Social e Letras-Espanhol, Mestre em Estudos Culturais Contemporâneos e Doutoranda em Educação pela Puc Minas. E-mail: viviane.gandra1@hotmail.com

² Bacharel em Serviço Social, graduado pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas – Funorte em 2016. E-mail: Miguel.cte@hotmail.com

³ Bacharel em Serviço Social, graduada pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas – Funorte em 2016. E-mail: Fabilcejalmeida@hotmail.com

Keywords: Homo affectivity; Religion; Cultural diversity.

INTRODUÇÃO

Para que melhor se compreenda o tema em questão, cabe aqui pontuar o significado dos três temas a serem abordados nesta pesquisa: homoafetividade, religião e diversidade cultural. Para Dias (2010), a homoafetividade, como o próprio nome aponta, refere-se a uma relação de afeto entre duas pessoas do mesmo sexo, que almejam ter seus direitos reconhecidos pela lei, que são necessariamente todos os direitos garantidos na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 para todo cidadão. São duas pessoas unidas por laços de afeto, sem distinção do casal heterossexual, mantendo, assim, uma relação segura, pública e duradoura, criando filhos e constituindo família. O homoafetivo é conceituado por Anjos (2002) como uma característica própria da natureza humana, não sendo superiores nem inferiores às demais condições existentes e sim uma diferença, não sendo, portanto, um atributo negativo imposto a este grupo de sujeitos.

Entretanto, embora haja manifestações a favor da expressão da homoafetividade, existem também demonstrações contrárias de preconceitos e discriminações a este grupo. “A palavra homossexual tem seu significado do grego *homo* ou *homoe*, cujo significado nos dá a ideia de igual, análogo ou, pode-se dizer, semelhante, pessoa do mesmo sexo” (OLIVEIRA, 2004, p. 96).

Na sociedade contemporânea, a religião e a cultura estão interligadas, na medida em que concepções teológicas ou religiosas afetam os aspectos da cultura, levando em consideração que a religião tende a se adequar e contextualizar de acordo com a conjuntura temporal e os ambientes culturais.

Para Durkheim (1996), a religião é formada por um sistema de símbolos sendo esta algo social, um sistema solidário de crenças que se organizam a partir de signos linguísticos e que exprimem realidades coletivas e também reflete a normalidade da sociedade.

Geertz (2008) define a religião como um sistema cultural, uma forma de ajustar as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projetar imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana. Para esse autor, a religião é também um ato de sociedade que tem uma interface com o indivíduo, lembrando que Geertz (2008) faz a análise da religião em relação a sua dimensão cultural utilizada no sentido de um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Na concepção de Hall (2003), os problemas teóricos ou o campo investigativo dos estudos culturais são um espaço multidisciplinar, que aponta para uma ambiguidade, de um lado sua fase inicial que não é absoluta, por outro, sua continuidade que não é inalterada. Assim, “não basta o interminável desdobramento da tradição, tão raro à história das ideias, nem tampouco o absolutismo da “ruptura epistemológica”, [...] Ao invés disso, o que se percebe é um desenvolvimento desordenado, porém irregular” (HALL, 2003, p. 123).

Nesse sentido, essas mudanças ou rupturas significativas intensificam a verificação nos novos trabalhos intelectuais, novas formas, estratégias de pensar as transformações perceptíveis na história e as novas formas de pensamentos para a existência. Assim, mostram que a articulação entre pensamento e realidade é necessária e importante.

Por isso, a diversidade cultural é o fio condutor mais apropriado para esta análise. Como mostra Ortiz, “A religião está tão diversificada quanto tudo mais”.(2001,p.67) Com estas palavras fica evidente que a globalização favoreceu o surgimento do pluralismo religioso, ou seja, não existe mais uma única fonte de transcendência capaz de oferecer sentido à vida e à sociedade.

A diversidade cultural são as diferenças culturais que existem entre os povos ou nações, com uma vasta variedade de tipos, como: dança, religião, linguagem, gênero, vestuário, culinária e outras crenças que fazem parte da organização de uma sociedade. Assim, a diversidade cultural está associada à ação do processo de aceitação da sociedade, em que o ser humano por alguma razão tende a impor suas necessidades individuais, bem como de adequá-la à questão significativa do ser ao meio social.

Segundo Silva (2000), o conceito de diversidade cultural engloba diferentes aspectos - étnicos, raciais, de gênero, e o termo é utilizado para defender “uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas” (SILVA, 2000, p. 44). No entanto, a diversidade cultural se concerne na procura de meios de explicações para as diferenças culturais entre os povos, refletindo sobre suas histórias e ideologias, conseqüentemente as questões socioculturais e políticas que as diferenças trazem. Destarte, o sentido do termo diversidade cultural está relacionado à existência de uma variedade de culturas interligadas por um processo de globalização.

De acordo com Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a diversidade cultural não resulta necessariamente no convívio harmônico das culturas. “Perante essa variedade de códigos e perspectivas, os estados nem sempre encontram as respostas apropriadas, por vezes urgentes, nem logram colocar a diversidade cultural ao serviço do bem comum” (UNESCO, 2009, p. 3).

Neste estudo, parte-se da constatação de que hoje as religiões tradicionais convivem intensamente com os apelos da sociedade moderna, que é a aceitação da diversidade cultural dos homoafetivos e presenciam a quebra de antigos paradigmas, propiciando

O deslocamento da experiência religiosa contemporânea, tanto subjetiva como institucionalizada para outras áreas ou dimensões da vida social que não são caracterizadas como religiosas, como o complexo midiático-cultural, a economia, o turismo, o lazer, as terapias, o culto ao corpo e outras (MOREIRA, 2008, p.70).

Observa-se que o crente migra do que era tradicionalmente estabelecido como religioso em busca de outras possibilidades de experiências que necessariamente não ocorrem em templos e igrejas, mas sim nos espaços cotidianos em que está inserido. Não se trata, porém, do fim da religião, mas do “deslocamento” dos espaços e das funções da religião, provocando seu redimensionamento (MOREIRA, 2008).

Para Hervieu-Léger (2008), a afirmação da autoridade tradicional religiosa permanece na sociedade contemporânea; no entanto, “Os crentes modernos reivindicam seu direito de bricolar, e, ao mesmo tempo, o de escolher sua crença” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.64). São obrigados, por isso, a “produzir por si mesmos a relação com a linguagem da crença na qual eles se reconhecem” (idem, p.64).

Assim, o fato é que: “a pretensão da religião de reger a sociedade inteira e governar a vida de todo indivíduo torna-se ilegítima, mesmo aos olhos dos crentes mais convencidos [...]. Nas sociedades modernas a crença e a participação religiosa são opcionais” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.33).

A perda de influência pública dos grandes sistemas religiosos faz com que haja a recomposição das suas representações, sob novas simbologias, que permitam à sociedade novas leituras da proposta religiosa e novos modos de engajamento religioso.

Conforme Pereira (2004), a origem da intolerância religiosa ao homoafetivo surgiu na tradição judaico-cristã que condena a homoafetividade com base nas interpretações da Bíblia e os valores definidos por ela. Pode-se obter como resultado o preconceito contra os homoafetivos na contemporaneidade devido às crenças religiosas influenciarem a percepção dos indivíduos sobre tema. Segundo estudo realizado pelo autor, a discriminação de homoafetivos é percebida pelos estudantes de teologia como atitude contributiva para que a vontade de Deus seja cumprida, justificando assim as atitudes hostis aos homoafetivos por crenças religiosas.

Machado (1996) analisa o posicionamento da religião evangélica e do catolicismo para com a identidade homossexual, sendo perceptível a oposição do catolicismo à homoafetividade desde sempre. Mas, com o crescente aumento de casais homoafetivos e leis próprias para sua defesa, a

Igreja Católica se mostra mais aberta em relação ao tema recomendando abstinência sexual e concedendo perdão religioso a estes.

Já as igrejas evangélicas pentecostais apresentam princípios morais rígidos condenando forte e publicamente os homossexuais. Conforme Machado (1996), eles defendem que os homoafetivos canalizem seus desejos sexuais para pessoas do sexo oposto, usando como justificativa que a relação sexual heterossexual no casamento protege o homossexual da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Sendo assim, um cidadão, possivelmente, para se engajar na religião precisa atender aos pré-requisitos, necessitando sacrificar desejos e necessidades pessoais e íntimas.

Natividade (2006) aponta que os evangélicos acreditam que a homoafetividade é uma característica externa do indivíduo e por isso existe possibilidade de mudança de pensamento e atitude, ou seja, cura, por meio da conversão. Nessa perspectiva, o homossexual é representado como “pedófilo”, “promíscuo” e a homossexualidade é representada como “perversão”, “doença” e “vício”.

É garantido o direito a tratamento igualitário independentemente da tendência sexual e religiosa, pois quando não existe o pressuposto da igualdade, haverá dominação e sujeição, não liberdade. Dias (2010) enfatiza que todo ser humano tem o direito de ser respeitado e exercer livremente sexualidade e religiosidade. Sem liberdade sexual, o indivíduo não se realiza, da mesma maneira, ocorre quando lhe falta outro direito fundamental.

As normas constitucionais que garantem o direito à igualdade proíbem discriminar a conduta afetiva e religiosa. Rejeitar a existência de uniões homossexuais é ir em desacordo ao princípio estabelecido no inc. IV do art. 3º da Constituição Federal, segundo o qual é dever do Estado promover o bem de todos, vedada qualquer discriminação, não importando de que ordem.

A relação entre a proteção da dignidade da pessoa humana e a orientação homossexual é direta, pois o respeito aos traços constitutivos de cada um, sem depender da orientação sexual, é previsto no artigo 1º, inciso 3º, da Constituição, e o Estado Democrático de Direito promete aos indivíduos muito mais que a abstenção de invasões ilegítimas de suas esferas pessoais, a promoção positiva de suas liberdades (GIORGIS, 2002).

Apesar de existirem normas e leis que visam garantir liberdade, igualdade e segurança a todos, independentemente de religião ou orientação sexual, como afirma Dias (2010), assim como outros segmentos alvo de algum tipo de preconceito ou discriminação social, os homoafetivos acabam se sujeitando à deficiência das normas jurídicas, sendo deixados à margem da sociedade e do direito.

Diante do exposto, a premissa dos autores é a realização do estudo, analisando a relação entre homoafetividade e religião no contexto da diversidade cultural.

Conforme o que foi discorrido acima, pode-se perceber que a diversidade cultural, na contemporaneidade, desenvolve um papel decisivo no modo de vida de cada localidade. A Igreja já mostra abertura em relação à discussão e “aceitação” do homoafetivo no meio religioso, apesar de muitas igrejas condenarem e abominarem tal prática. Ainda é possível observar uma sociedade preconceituosa, mas que já possui algumas poucas políticas públicas e leis voltadas ao público Lésbica, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT).

Pressupõe-se que essa problemática influi sobremaneira para o distanciamento dos homoafetivos de templos religioso, além de contribuir significativamente para a disseminação do preconceito e discriminação.

Em face dessa problemática social, é de suma relevância ampliar o debate sobre essa questão, tendo em vista buscar e, além de buscar, entender se é possível conciliar homoafetividade e religião na perspectiva da diversidade cultural, contribuir para que as leis e políticas públicas sejam repensadas e que os direitos dessa população sejam efetivados.

Para atender aos objetivos definidos e responder a questões particulares, optou-se pela pesquisa qualitativa com acadêmicos do turno noturno das Faculdades Integradas no Norte de Minas – FUNORTE, localizada em Montes Claros – MG. Utilizou-se, como instrumental de coleta de dados, a aplicação de (08) entrevistas semiestruturadas para acadêmicos dos cursos da instituição supracitada, sendo (02) acadêmicos de cada curso oferecido na instituição: Serviço Social, Administração, Jornalismo e Pedagogia, tendo como critério de escolha a espontaneidade dos entrevistados em participar da pesquisa.

Apreende-se a relevância desta pesquisa por estender esse debate para o meio acadêmico, especialmente na área social, acrescentando informações aos professores, pesquisadores interessados nesta temática e, principalmente, discernimento ao público LGBT na conciliação da homoafetividade e religião. A referida pesquisa também poderá propiciar uma reflexão à sociedade sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade LGBT na contemporaneidade, tendo em vista a revisão e criação de novas leis e políticas públicas que garantem a dignidade da pessoa humana, o respeito e inserção social destes nas instituições religiosas.

MATERIAS E MÉTODOS

A escolha do tema surgiu mediante motivação pessoal e curiosidade acadêmica acerca da possibilidade de conciliação entre orientação sexual e religião pelos homoafetivos .

Na primeira etapa deste estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, baseando-se em materiais já produzidos sobre o tema, como artigos científicos, livros, documentários e internet. Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica surge do levantamento de referencial teórico já analisado e encontrado em meios eletrônicos e escrito, como páginas de web, sites, artigos científicos, livros. Sendo que todo trabalho científico é iniciado com uma pesquisa bibliográfica, permitindo ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o tema.

Foi realizado um estudo exploratório, descritivo de revisão sistemática e de pesquisa de campo, objetivando analisar a relação dos homoafetivos entre sua orientação sexual e religião, tomando como público alvo os acadêmicos do turno noturno do Campus São Luís, das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE. O estudo exploratório possibilita ao investigador ampliar sua experiência em relação a um problema específico; já o estudo descritivo possui como foco conhecer todo o contexto de uma realidade, sendo que esse tipo de estudo exige do pesquisador uma sucessão de informações sobre o objeto de pesquisa (TRIVIÑOS, 1987).

O interesse de se analisar essa relação entre os homoafetivos e a religião, em uma perspectiva da diversidade cultural, instigou uma pesquisa qualitativa, com observação e análise, fazendo uma coleta de dados descritiva, traçando o perfil de cada protagonista e seus valores, opiniões, atitudes e possíveis conflitos vivenciados pelos homoafetivos.

Segundo Minayo (2007) e Lakatos (1985), a pesquisa qualitativa faz uma correlação entre o mundo real e o sujeito, ou seja, entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. A base da pesquisa qualitativa é interpretar os fenômenos e atribuir significados. Não se exigem métodos e técnicas estatísticas, sendo assim, uma pesquisa descritiva é onde os pesquisadores analisam seus dados indutivamente, sendo o processo e o seu significado os principais focos de abordagem.

É um trabalho de revisão teórica e de pesquisa de campo que se deu com a utilização de entrevista semiestruturada – roteiro em anexo. Conforme Minayo (2007), a entrevista é uma conversa entre pessoas, podendo ser duas ou mais, sendo o entrevistador responsável por obter informações sobre o entrevistado. A entrevista semiestruturada possui uma série de questões a serem preenchidas, tendo relativa flexibilidade; as questões não necessitam de uma ordem previamente definida, permitindo, assim, que o entrevistador formule novas questões durante a entrevista (MATTOS, 2002).

A pesquisa de campo desenvolveu-se com acadêmicos dos cursos de Serviço Social, Jornalismo, Administração e Pedagogia no Campus São Luís das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE, localizada no município de Montes Claros/MG. Cidade polo no Norte do

Estado de Minas Gerais, Montes Claros possui uma população aproximada de 400.000⁴ (quatrocentos mil) habitantes, segundo o IBGE e está localizada a 422 km de distância da capital mineira. O município conta com diversos atrativos históricos, culturais e naturais, como os Parques Municipais Milton Prates, Guimarães Rosa e Sapucaia, que são importantes áreas verdes além dos vários sítios arqueológicos e festas, como as tradicionais Festas de Agosto.

O referido estudo levantou informações através de oito (08) entrevistas semiestruturadas, formuladas com roteiros, contendo nove (09) perguntas, sendo duas (02) questões fechadas e sete (07) questões abertas. Os pesquisadores divulgaram a pesquisa em todas as turmas, deixando contato, para que os homoafetivos que se interessassem em participar os procurassem. Os primeiros a efetuarem contatos, sendo dois de cada turma, automaticamente participaram da pesquisa. Os roteiros das entrevistas semiestruturadas foram elaborados pelos pesquisadores e aplicados pessoalmente, em locais previamente escolhidos pelos participantes, no mês de setembro de 2016.

Os entrevistados assinaram o termo de compromisso, consentindo em colaborar com este estudo, sendo-lhes assegurado o anonimato. Assim, foram utilizadas as letras “LE” referindo-se às Lésbicas entrevistadas e “GE” às *Gays* entrevistados, sendo enumerados sucessivamente de acordo com a ordem das entrevistas como LE1, LE2, GE1, GE 2, GE 3, GE 4, GE5 E GE6.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética das Faculdades Integradas do Norte de Minas - FUNORTE e aprovado sob o parecer nº 1.696.781, com data da relatoria de 25/08/2016.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O termo homoafetividade foi inicialmente abordado com o significado de vínculo afetivo e carinho (não é necessariamente a relação sexual) sendo uma forma mais respeitosa para se referir à homossexualidade. Portanto, foi utilizado o termo homoafetividade de modo a instigar o respeito à dignidade do indivíduo, independentemente de sua orientação sexual. Dessa forma, nota-se que as expressões homossexualidade e homoafetividade abarcam caminhos distintos, sendo que a primeira refere-se ao erotismo sexual e a segunda refere-se à dimensão afetiva e carinhosa.

Quanto ao termo, sugere-se usar orientação sexual, apesar de muitos homoafetivos, no início de sua vida social, não aceitarem ou não entenderem seu interesse pelo mesmo sexo, como pontuado por alguns dos entrevistados:

⁴ Dados disponibilizados pelo IBGE <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=31430>>

Eu sou assumida desde os dezoito (18) anos para a minha família, mas eu já me identifiquei desta forma, digamos que a vida inteira. Por mais que você tem esse processo de não saber o que está acontecendo, você já sabe que você é diferente. Na verdade, quando criança, você já sente algo diferente, durante a adolescência é conturbado, você experimenta relações heterossexuais sim, até pela confusão que você tem na cabeça. Porém, quando você toma coragem, busca aquilo que te faz feliz, você se liberta e minha libertação foi, mesmo não sendo aceita pela minha família, a minha libertação foi eu ter assumido minha homoafetividade. Eu entendo essa coisa de igual, homo quer dizer sentir atração, afeto, você idealiza a vida ao lado de uma pessoa que é do mesmo sexo que você e é completamente normal, como o hétero sente atração pelo outro, digamos que é o mesmo sentimento (LE1).

Nunca tive relacionamento com mulheres e no início não entendia meu desejo por homens. Mas, com o passar dos anos fui entendendo que era isso que eu era, e não deveria esconder de ninguém. Assumi para minha família depois de alguns anos, que já desconfiava e aceitaram de boa. [...] hoje eu vivo feliz, sendo assim como eu sempre fui, mas tive um conflito do que eu realmente era (GE3).

As entrevistas realizadas mostram que tanto *Gays* quanto *Lésbicas* já percebem desde a infância algo diferente no seu jeito, na sua atitude, no seu comportamento. Verifica-se que a fase da adolescência é bastante conturbada e os jovens por pressão da sociedade os dos próprios familiares, se sentem ameaçados e acabam “experimentando” e se decepcionando com o sexo oposto. Outros impõem o que realmente são para todos e surge aí outra dificuldade que é a aceitação ou não daquelas pessoas que são amigas. A família, quando muito religiosa, tende a ser mais resistente na aceitação, condenando os jovens, apontando-os como pecadores e sendo, muitas vezes, preconceituosa.

A religião também foi objeto de análise deste estudo, e Moreira (2008) destaca como esta se perpetua na atualidade como algo importante no mundo:

As religiões tanto sofrem os efeitos como têm sido fatores importantes no processo de globalização. Como os estudos indicam, a religião pode estar exercendo na América Latina e na Ásia um papel diferente do que exerce na Europa, marcada pela secularização. A religião continua um fator importante de transformação social e os exemplos mais fortes são a herança da Teologia da Libertação nos movimentos sociais globais (reunidos no Fórum Social Mundial) e na cultura política da América Latina, bem como a difusão do islamismo na Europa, África do Norte e outros países, a exportação do hinduísmo e do budismo, a expansão dos pentecostais na América do Sul e na África, além, ainda, da influência dos fundamentalistas cristãos de direita na política dos Estados Unidos (MOREIRA, 2008, p. 75).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 determina a liberdade de religião como direito fundamental, mostrando que o Brasil é um país laico (BRASIL, 1988). Dessa forma, o Estado deve mostrar-se em constante harmonia e perfeita compreensão religiosa, bem como proporcionar aos cidadãos esse mesmo clima, sendo contra a intolerância e o fanatismo religioso.

Fica claro, portanto, que não se pode existir nenhuma religião oficial, mas o Estado necessita prestar proteção e garantia ao exercício de todas as religiões existentes no território nacional.

Quando os entrevistados foram questionados se a diversidade cultural, seja sexual ou religiosa, é reconhecida de fato e de direto pelo Estado, quatro (4) deles responderam às vezes; dois (2) responderam sim e outros dois (2) responderam não. Esses dados demonstram, que o Estado, apesar de possuir uma Constituição que determina esse reconhecimento, não a cumpre em sua totalidade na prática. Percebe-se que a maioria dos entrevistados encontra-se insatisfeito com o reconhecimento da diversidade cultural, afinal é perceptível o uso de crucifixos ou imagens de santos católicos em órgãos públicos. Tal prática confronta a perspectiva de Estado Laico. Tratando-se de diversidade sexual, ainda existem representantes do povo, como deputados e senadores, que se posicionam totalmente contra e incentivam assim a prática do preconceito.

O Brasil realmente é um Estado que possui pluralismo religioso, sendo possível constatar nas falas dos entrevistados e no meio social:

Eu entendo que é essa pluralidade de religião principalmente no nosso Brasil que tem religiões indígenas, tem a afro brasileira, inclusive, se não me engano, a Umbanda é a única religião brasileira que é a mistura do Candomblé que vem do continente africano com os negros, com a mistura de raiz do cristianismo, com a Umbanda, é uma coisa de reza, aí surge a religião brasileira (GE1).

Eu entendo de ser várias religiões, o Brasil é uma mescla de raças, misturadas à nossa religião que é também a nossa cultura. Nós temos o Candomblé, temos a religião Católica, os Testemunhas de Jeová. São várias religiões dentro de uma nação que é única mas é misturado ao mesmo tempo, são todas iguais e ao mesmo tempo não (LE1).

Ainda sobre o pluralismo religioso, o entrevistado diz: “A diversidade religiosa são as várias religiões que existem, algumas aceitam mais e a sexualidade das pessoas e outras julgam e crucificam muito os homossexuais, as lésbicas e a comunidade LGBT em geral” (GE2).

As religiões Católicas e Protestantes detêm no Brasil o maior número de fieis e seguidores, com 64,6% e 22,2% respectivamente, segundo o último censo do (IBGE 2010) e, por esse motivo, as religiões foram tidas como objeto de análise deste estudo. As entrevistas revelaram que a maioria dos entrevistados são pessoas que acreditam em Deus, mas não seguem uma religião devido aos preconceitos que já sofreram. Outros seguem as religiões Afrodescendentes e/ou Espírita. Quando questionados se se consideram uma pessoa religiosa, responderam: “Não. A Fé é inerente à religião. Fé é confiança e segurança que as coisas acontecem como deveria ser” (GE5); “Sim. Eu sou uma pessoa religiosa, sou Espírita kardecista, acredito muito em Deus, em Jesus Cristo e acredito muito na religião” (GE2); “Eu não me considero uma pessoa religiosa, mas tenho respeito com a religião e com a lei. Eu não tenho fé em nada” (GE1); “Eu tenho uma fé, acredito em Deus, porém sou agnóstica. Não busco nenhuma religião e não consegui ter base em nenhuma igreja porque eu

considero que a religião em si não agrega as pessoas, então eu comecei a acreditar somente em Deus” (LE2). Outro ainda diz:

[...] as religiões afro-brasileiras, o Candomblé aceitam mais, já a igreja Católica tem uma abertura maior por causa desse papa novo, mais ainda tem muito preconceito. As evangélicas que é pior, eles dizem que te respeita mais querem te mudar, no fundo querem mudar sua orientação sexual (GE3).

Com a fala dos entrevistados, conclui-se que, para eles, a orientação sexual se sobrepõe à religião. Muitos ainda acreditam em Deus, mas não frequentam igreja alguma devido principalmente ao preconceito e discriminação ou constrangimento que já sofreram. É perceptível na sociedade atual que esse público cresceu muito e consequentemente cresceu a luta por garantias e direitos sociais, bem como pelo respeito e melhor qualidade de vida.

O público LGBT obteve entre suas conquistas a união de casais do mesmo sexo reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 05/05/2011; surgiram Igrejas Inclusivas no Brasil, sendo fundada no Rio de Janeiro, no ano de 2006, a Igreja Cristã Contemporânea, voltada predominantemente para o público gay; em 2008 foi publicada no diário oficial da União pública uma portaria que prevê a realização de cirurgia de mudança de sexo pelo Sistema Único de Saúde (SUS); foi decretado em 2010 de forma definitiva, o direito dos homoafetivos receberem pensão por morte de seu cônjuge; no mesmo ano, um parecer da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional garante aos homoafetivos o direito de incluir o companheiro como dependente na declaração de imposto de renda; por fim, em 2013, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República criminaliza a homofobia, porém ainda há muitos direitos a serem conquistados.

Essas conquistas obtidas que necessitaram de anos para acontecer mostram o quanto a sociedade é conservadora e preconceituosa em todas as situações. Nas entrevistas, foram verificados a discriminação sexual e o preconceito religioso:

Já tive discriminação aqui dentro da própria faculdade, na rua, no supermercado. Referente à religião, não, porque eu sou agnóstica. [...] na rua também, um rapaz quis me agredir, a mim e minha namorada, porque estávamos abraçadas, ele foi extremamente violento, tanto nas palavras, quanto nos gestos. No supermercado já fui muito discriminada, a atendente não queria me atender por saber que se tratava de uma homossexual e olhares maliciosos, isso tem todos os dias (LE2).

[...] a minha vida inteira é preconceito, aqui na faculdade já sofri e ainda sofro [...] no mundo tem preconceito com tudo, com gordo, negro, homossexual, judeu, evangélico, espírita, então estamos aí para quebrar paradigmas e não se deixar abater e ter uma força de vontade, lutar para amenizar esses preconceitos (GE6).

[...] qual o gay que nunca sofreu discriminação? Só quem não se assume mesmo. Já sofri em todos os espaços, pois a população estigmatiza que ser gay é ser vulgar. [...] sofri preconceito religioso por não ter religião. Na faculdade, ainda no primeiro período, a professora perguntou a religião dos alunos, e quando eu disse que não tinha, ela me

respondeu que ela não confiava em pessoas que não têm religião, pois a religião é que define a ética e o caráter das pessoas (GE4).

É pertinente afirmar, de acordo com as entrevistas, que todos os homoafetivos já sofreram e/ou sofrem algum tipo de preconceito e discriminação em todos os lugares. Seja pelo jeito de falar, andar ou gesticular. Os homofóbicos normalmente ofendem e discriminam através de olhares, risos, piadas, agressões verbais e físicas.

Existe muita controvérsia no posicionamento dos representantes das igrejas tradicionais (Católica e Protestante) em relação à homoafetividade. As igrejas baseiam seus posicionamentos na Bíblia Sagrada que traz em Gênesis 1:27, 28; Levítico 18:22; Provérbios 5:18, 19 que Deus criou o sexo para ser feito apenas entre um homem e uma mulher, e apenas depois de casados. Em 1 Coríntios 6:18, é condenada a fornicação, quer entre pessoas do mesmo sexo quer entre pessoas de sexos diferentes (ALMEIDA, 1969).

As Igrejas Protestantes continuam sendo as mais conservadoras em relação ao tema. Muitas delas acreditam que a homoafetividade é algo espiritual, sendo necessária apenas Fé em Deus e a conversão espiritual para mudar tal conduta, condenando a prática homoafetiva e impondo suas crenças, como visível na fala de um líder evangélico:

Homem e mulher foram criados e nasceram com sexos opostos para se complementarem e se procriarem. O homossexualismo apesar de aceito pela sociedade é uma distorção da natureza do ser humano normal. Assim, a oportunidade de se apostar novamente na condição normal de procriação é louvável e por isso meu parecer é favorável (MALAFAIA, 2004).

A Bíblia não aborda diretamente os fatores biológicos envolvidos nos desejos homossexuais, apenas afirma em (Romanos 7: 21-25) que todos nós nascemos com a tendência de ir contra os mandamentos de Deus. A Bíblia não focaliza a causa dos desejos homossexuais, simplesmente proíbe tais práticas. Mas, ela não apoia a homofobia ou o ódio aos homoafetivos, ela prega, em 1 Pedro 2:17 o respeito a todas as pessoas (ALMEIDA, J. F, 1969).

A Igreja Católica mostra-se mais aberta à aceitação da homoafetividade, condenando, o ato sexual, e pregando que os fieis homoafetivos busquem a castidade. O pontífice Papa Francisco pontuou que: “Se uma pessoa é *gay* e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgar? [...] Não se deve marginalizar essas pessoas por isso” (PAPA FRANCISCO, 2013). Portanto, deve-se fomentar na igreja um ambiente acolhedor, em vez de julgar tais pessoas, no qual os homoafetivos possam buscar a Deus.

Quando perguntado aos homoafetivos como percebiam atualmente a abertura da religião frente à homoafetividade, eles responderam:

HOMOAFETIVIDADE E RELIGIÃO: O DIREITO À DIVERSIDADE CULTURAL

O Cristianismo que está se abrindo mais que as outras religiões que não tem tanta relevância para a sociedade, que já aceitam esse tipo de comportamento, só que para mim, não faz falta, também não me importo a essa abertura, e se chegar a acontecer, é sempre um avanço em aceitação e melhoria (GE1).

Eu acho que as religiões evangélicas estão ainda muito fechadas para a homossexualidade [...] Eu visitei as Igrejas Evangélicas e fui bem recebido, só que elas têm a ideia de querer transformar a verdadeira orientação sexual da gente, eles acreditam que tem a tal forma da cura gay. Eu acho que não tem. Eu nasci assim (GE2).

As igrejas, apesar da pouquíssima abertura, e isso ocorre, unicamente para não perder tantos fieis, uma vez que muitos jovens usam a religião para esconder sua homoafetividade, continuam sendo conservadoras e homofóbicas (LE2).

A Declaração do Papa foi interessante, quando fala que a Igreja tem que pedir perdão para as mulheres e pros homoafetivos. Isso mostra que a Igreja Católica possui maior abertura e a Evangélica é conservadora. O novo Papa é mais aberto e espero que isso ajude a combater esse preconceito das igrejas. (GE6).

As falas confirmam que as Igrejas estão em processo de aceitação, e que a crença religiosa contribui para a disseminação da homofobia e discriminação, visto que é uma das maiores instituições sociais e que tem grande poder de convencimento, ou seja, os fieis que seguem esses versículos bíblicos ao “pé da letra” serão terminantemente contrários à liberdade sexual, ao respeito e amor aos homoafetivos.

Na entrevista, foi perguntado aos homoafetivos como conciliam a orientação sexual com a religião: “Minha filosofia de vida é imbuído, é que todo mundo chega junto, que todo mundo merece vencer e crescer junto, não tenho religião, então essa pergunta não precisa ser respondida” (GE1); “Não concilio porque não tenho religião. Não tenho justamente para me sentir livre sexualmente” (GE5);” Não consigo juntar sexualidade e religião. São dois temas nada a ver um com o outro. Cada um refere-se à uma coisa” (GE6). Ainda pontuaram:

Como sou uma pessoa agnóstica eu tenho esse problema. No início eu tive, por ter uma família extremamente religiosa, eu tinha medo de magoar minha família, porém, tirando meu pai, as pessoas sabem e não opinam, não falam nada. Tenho tias evangélicas, católicas, que sabem e conheço pessoas extremamente religiosas que sabem da minha orientação e me tratam normalmente. E relação a minha fé em Deus, eu sempre achei que sou assim é porque ele me quis assim (LE2).

Eu concilio na medida em que um não influencia o outro. Antes me condenava muito. Hoje, prezo muito o respeito. No dia que vou nos eventos religiosos, não tenho relação nem mesmo de afeto com meu namorado, pois acho hipocrisia de minha parte. E sei que Deus me ama do jeito que sou, acreditando nele, adorando, praticando o amor e a caridade ao próximo (GE3).

Ficou perceptível que a religião pode causar grande sofrimento para os homoafetivos do ponto de vista de seu equilíbrio psicoemocional e do desenvolvimento de seu caráter e

personalidade, acarretando, entre outros fatores, o afastamento desses jovens das Igrejas. Como pode também ser um meio de amparo, amor e cuidado ao próximo, sendo necessário para isso, respeitar e amar uns aos outros, independentemente de orientação sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou compreender e aprofundar os conhecimentos sobre homoafetividade, religião e diversidade cultural, além da maneira como os homoafetivos vivem sua fé, quais as políticas públicas e leis existentes para esse grupo social, os principais conflitos vivenciados entre sua homoafetividade e religião e os preconceitos e discriminações sofridos nos diversos ambientes em que estão presentes.

A pesquisa mostrou que há grande dificuldade de conciliação entre homoafetividade e religião pelos homoafetivos, principalmente pelo preconceito e discriminação existentes dentro das igrejas que já frequentaram antes de optarem por não seguir determinada religião, sendo orientados a serem curados ou libertados do que algumas igrejas condenam ser algo demoníaco. Na família, também foi constatado algum tipo de preconceito, ainda que apenas por um período.

Verificou-se que os homoafetivos, apesar de em sua maioria não possuírem religião, conseguiram superar o trauma da adolescência, de dúvida, de medo, confusão psicológica, e não vivem a homoafetividade como pecado ou algo errado, mas sim, com o sentimento de liberdade, valorização de si mesmo, aumento da autoestima e do empoderamento que alcançaram a partir do momento em que se aceitaram da maneira que são, sem se preocuparem com o que a sociedade, de forma geral, pensa ou acredita.

Nesse sentido, diante das conquistas alcançadas nos últimos anos pelos homoafetivos em relação aos direitos civis, políticas públicas destinadas a eles, leis de proibição da homofobia, discriminação sexual ou religiosa, existe muita coisa a ser feita e/ou aprimorada do que já existe, com o intuito de promover a dignidade da pessoa humana, bem como a garantia da qualidade de vida e respeito à diversidade cultural.

Posteriormente à análise dos dados coletados nas entrevistas, as hipóteses levantadas não foram confirmadas, as quais sugeriam que era possível conciliar homoafetividade e religião, uma vez que são elementos distintos e que as igrejas estão mais abertas aos homoafetivos não sendo preconceituosa. Na verdade, os homoafetivos não conciliam, pois sofreram bastante preconceito e discriminação ao ponto de abandonarem a religião.

Conforme os dados acima, percebe-se que a religião não é primordial na vida dos homoafetivos podendo, portanto, viver sem ela. Para aqueles que acreditam em Deus, a oração é o

suficiente. As políticas públicas são ineficientes e o Estado ainda deixa a desejar. O preconceito e discriminação continuam perturbando os homoafetivos constantemente em todos os espaços públicos e até mesmo no meio familiar.

Machado (1996) fala que:

De fato, os homossexuais precisam ser curados. Eles necessitam curar-se de todas as feridas que lhes foram feitas pela sociedade, a começar pela própria família e pela igreja. Em vez de promessas de cura, ofereçamos apoio, suporte emocional, e um ambiente onde não sejam julgados, mas amados, acolhidos em vez de rejeitados. (MACHADO, 1996).

Diante dos resultados obtidos nesta pesquisa, propõe-se que as igrejas pratiquem o amor e respeito às diferenças, para que conseqüentemente os seus fiéis deixem de praticar a discriminação e o preconceito contra os homoafetivos e, dessa forma, tanto a sociedade quando os familiares possivelmente mudarão o comportamento de forma positiva. O Estado deve continuar implementando e aperfeiçoando políticas públicas e leis específicas para o público LGBT e os homoafetivos precisam continuar na luta pela garantia de direitos e reconhecimento, buscando e dando-se o respeito, bem como pela conquista do seu espaço na sociedade, procurando sempre a proximidade com Deus, independentemente de religião, para que, assim, possam viver num mundo mais igualitário.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. F. de. **Bíblia Sagrada**. Brasília: Sociedade bíblica no Brasil, 1969.
- ANJOS, G. dos. Homossexualidade, direitos humanos e cidadania. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 274-305. 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- DIAS, M. B. **União homoafetiva: o preconceito e a justiça**. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Pereira Neto, São Paulo: Paulinas, 1996.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Apostila. Fortaleza: UEC, 2002.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- GIORGIS, J. C. T. A natureza jurídica da relação homoerótica. **Revista da AJURIS**, Porto Alegre, v. 1, n. 88, Dez. 2002.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

IBGE. Censo Demográfico 2010. **Características Gerais da População**. Resultados da Amostra. IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_populacao.shtm>. Acesso em: 05 set. 2016

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1985.

MACHADO, M. dos. D. C. Conversão Religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos da AIDS: Notas de uma pesquisa. **Sociedad y Religión**, Espanha, v. 2, n 4, p. 33-50. 1996.

MALAFAIA, S. **Parecer concedido na câmara legislativa**, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200006> Acesso em: 02 nov. 2016.

MATTOS, P.L.C.L. A estruturação de dissertações e teses em administração: caracterização teórica e sugestões práticas. **Revista de Administração Contemporânea**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 81-94. 2002.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10. ed. Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 2007.

MOREIRA, A. da S. O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate. In: MOREIRA, A. da S.; OLIVEIRA, I. D. de (Orgs.). **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas, 2008.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. Brasília, v. 21, n. 61, p. 115-132. 2006.

OLIVEIRA, W. de. **Sucessões: teoria, prática e jurisprudência**. 2. ed. Revista Atual. Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

ORTIZ, R. Anotações sobre religião e globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Brasília, v. 16, n. 47, p. 59-74. out. 2001.

PAPA FRANCISCO, **Discurso proferido**. 2013. Disponível em: <[ttp://veja.abril.com.br/mundo/se-um-gay-busca-deus-quem-sou-eu-para-julgar-diz-papa/](http://veja.abril.com.br/mundo/se-um-gay-busca-deus-quem-sou-eu-para-julgar-diz-papa/)> Acesso em: 02 nov. 2016.

PEREIRA, A. dos. S. L. S. Representações Sociais do Homossexualismo e Preconceito contra Homossexuais. **Dissertação de mestrado**, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. 2004.

SILVA, T. T. da. **Teoria Cultural e Educação: um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO, Relatório Mundial da. **Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural.** UNESCO: Paris, 2009.